VOLUME 8

RIAGE
REVISTA IBERO-AMERICANA DE GERONTOLOGIA

Tempo de envelhecer, no envelhecimento do tempo – perspetivas em Portugal

Time to age, in the aging of time – perspectives in Portugal

Fernando Campos[1]

1- Universidade Lusófona – Centro Universitário de Lisboa
Corresponding author: fernando.campos@ulusofona.pt

Informação do artigo
Recebido: 31/03/2025
Revisto: 15/05/2025
Aceite: 30/06/2025

This work is licensed under Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International

RESUMO

Com este artigo, mais do que um jogo de palavras, que o título possa sugerir, pretende-se verificar, até que ponto o aumento da esperança de vida, coincide com uma vida com esperança, ou seja, se as sociedades deste tempo estão preparadas para este "tempo de envelhecer", se os idosos têm condições para viver o seu tempo com dignidade: acesso aos cuidados de saúde; fontes de rendimento, que lhes permita aceder aos medicamentos; à alimentação e a outros cuidados essenciais neste "tempo de envelhecer". Neste sentido, serão analisados dados oficiais, que nos permitam inferir sobre o envelhecimento em Portugal e poder a partir da análise desses dados, ter a visão da real situação e, de acordo com as políticas públicas existentes, equacionar uma visão prospetiva sobre como o envelhecimento do tempo pode condicionar o "tempo de envelhecer".

Palavras-chave: tempo; envelhecimento; idosos; Portugal; dignidade.

ABSTRACT

With this article, more than a play on words that the title may suggest, we aim to verify the extent to which the increase in life expectancy coincides with a life full of hope, that is, whether the societies of this time are prepared for this "time to age", whether the elderly have the conditions to live their time with dignity: access to healthcare; sources of income that allow them to access medication; food and other essential care in this "time to age." Time to Age, in the Aging of Time – Perspectives in PortugalSummary: This article aims to

 ISSN: 2795-559 · DOI: 10.61415/riage.390

explore not merely the play on words suggested by the title, but to assess the extent to which the increase in life expectancy aligns with a life infused with hope. In other words, are the societies of this era adequately prepared for this 'time to age'? Do the elderly possess the means to live their twilight years with dignity, including access to healthcare, sources of income that enable them to afford medication, food, and other essential care during this 'time to age'?

Keywords: time; aging; elderly; Portugal; dignity.

INRTODUÇÃO

O tema do envelhecimento, associado à qualidade de vida, que nesta fase da vida pode ter implicações diretas na qualidade de vida, sempre tem despertado interesse não só pelos estudiosos da gerontologia, mas também, por todos aqueles que olham para o idoso, não como o fim de um ciclo na história da vida humana, mas sim, como uma oportunidade para se refletir sobre seres humanos que estão vivenciando uma consequência, que se quer positiva, do aumento da esperança de vida.

Os Estados têm como missão fazer tudo o que estiver ao seu alcance, para contribuir para que esta franja da sociedade (os idosos), possam ter uma velhice com dignidade.

A solidão e o isolamento, tornam-se dois indicadores (não os únicos), a ter em conta, quando abordamos a velhice e a vida com dignidade, que aos idosos por vezes lhes é negado. Por outro lado, a precaridade económica em que alguns idosos vivem, contribui para que, a alimentação, os cuidados de saúde (aqui se inclui, a aquisição de medicamentos), possam ser postos em causa.

Ser idoso, não é, nem pode ser uma fatalidade, mas sim, a possibilidade de aqueles que têm conseguido vencer o avanço da idade, possam ser uma oportunidade para o Estado e a sociedade civil poderem colaborar e se reinventarem e construírem um espaço onde o idoso tenha lugar.

Torna-se importante, fazer um diagnóstico, sobre o lugar do idoso neste Portugal que, parece ser um espaço do individualismo, do descarte, fruto dos sinais dos tempos, como parece insinuar Manuel Clemente, quando afirma: “Compreendamos também que a deriva individual que hoje impera, nesta derradeira fase dum liberalismo que redundou em libertarismo, deixando de conjugar as liberdades de todos para se resumir nos desejos de cada um, só é possível aonde chegou o crescimento material e a disponibilidade acrescida para viver de modo aparentemente autónomo” (Clemente, 2016, p.63).

Tendo em conta, a última parte da citação “…viver de modo aparentemente autónomo” é o desejo de todos os seres humanos, principalmente na fase adulta, em especial, os idosos, o que nem sempre é possível, devido aos constrangimentos físicos, que a muitos a idade inflige, por razões de saúde, mas também, por questões económicas, que levam estas últimas a condicionar essa “autonomia”, suscitando a necessidade de estar dependentes de familiares ou de outras pessoas, que condicionam a autonomia que se requer a todos os seres humanos.

Os cuidados de saúde, a que os idosos estão muitas vezes privados, por razões já

 ISSN: 2795-559 · DOI: 10.61415/riage.390

referidas, devem impelir o Estado a assumir as suas responsabilidades, na satisfação do bem-comum, na medida em que, "tem de garantir que os Direitos Fundamentais são assegurados de forma equitativa. Não podemos criar uma sociedade com cidadãos de primeira e de segunda, ou seja, cidadãos que pela via económica têm acesso a cuidados de saúde privados e quem não tem possibilidades económicas, fica a aguardar." (Campos, 2022, p.27).

Este, é um dos problemas, com que os idosos se debatem, a questão económica como fator de exclusão social, principalmente para esta camada da população.

"Os idosos são socialmente excluídos da sociedade em geral (…), independentemente do seu nível de rendimento. Esta forma de exclusão é causada pela organização da sociedade e pelos estilos de vida correntes" (Costa; Baptista; Perista; Carrilho, 2008, pp. 63 – 64.

Face ao exposto, verifica-se que, as questões económicas, são uma das vulnerabilidades pelas quais o idoso passa, comprometendo a sua inclusão na sociedade, criando até, situações de exclusão, impedindo qualidade de vida.

1 - O tempo de envelhecer, no envelhecimento do tempo, em Portugal

Até há bem pouco tempo, a questão do envelhecimento, não fazia parte das preocupações sociais. Contudo, nos dias de hoje, o envelhecimento passou a fazer parte da elaboração das políticas sociais. Portugal tem estado a encarar uma preocupação conjunta com a União Europeia, sobre esta situação, que é transversal a toda a Europa.

No caso de Portugal, quando se fala em envelhecimento demográfico, temos de ter em conta, o aumento da população com 65 anos, ou mais, na totalidade da população portuguesa.

Tendo em conta, o aumento da esperança de vida, já referido, importa perceber, entre outras coisas, a dignidade em que os idosos vivem, observando, o que as políticas sociais têm previsto para efeito, bem como, a forma como os elementos da estrutura familiar, bem como, os demais atores sociais intervêm, de forma, a se criarem barreiras contra os que atentam contra a dignidade humana, especial, o que é infligido aos idosos.

"A melhor forma de combater as agressões à dignidade humana consiste em reconhecer direitos fundamentais às pessoas, direitos que possam funcionar como limites à ação abusiva ou arbitrária dos outros, nomeadamente à ação abusiva e arbitrária dos poderes (político, económico ou social), que dentro de uma comunidade evoluem" (Garcia, 2016, p.7).

Quando se fala no *envelhecimento do tempo*, temos de ter em conta, que este *tempo* não para, não dorme, é dinâmico e como tal, independentemente, do percurso de vida, ou do dinamismo mais ou menos ativo, que acompanha o *tempo de envelhecer*, vai seguindo o seu caminho, como a água que vai deslizando num terreno, independentemente da orografia existente. Assim, como essa água vai inundando a terra, assim, o envelhecimento do tempo, vai-se deixando embeber por esse *tempo de envelhecer*.

"Um dos aspetos centrais da mística do instante é a conversão da nossa relação com o tempo. A nossa maior crueldade é o

 ISSN: 2795-559 · DOI: 10.61415/riage.390

tempo. Como um fabricante de armadilhas desajeitado que acaba sempre prisioneiro das engrenagens que produz, também nós inventamos o tempo e nunca temos tempo. Os nossos relógios nunca dormem. Quantas vezes o tempo é a nossa desculpa para desinvestir da vida, para perpetuar o desencontro que mantemos com ela?" (Mendonça, 2014, p.35).

Existem, várias formas de o idoso vivenciar este *tempo*. As condições económicas (já exaustivamente referidas), familiares, poderão ser dois indicadores, bastante importantes, a ter em consideração, quando se analisa, como os idosos olham e vivenciam o desenvolvimento deste *tempo*.

Muitos idosos enfrentam vários problemas, descritos no parágrafo anterior, que fazem com que, entendam o envelhecimento, como um fardo pesado, contribuindo para que, alguns idosos desinvistam da vida, através de um conformismo perigoso, que em alguns casos, pode dar origem a uma desistência de viver, seja pondo termo à vida, de forma imediata, seja paulatinamente, deixando-se ir.

Um dos problemas maiores do envelhecimento é a solidão. A solidão, não é só a ausência de familiares porque já faleceram, mas essa solidão atinge um ponto mais profundo, quando a família e os amigos existem, mas, é como se tal não acontecesse.

Por outro lado, essa solidão também se manifesta, nas não respostas da sociedade, em especial, daqueles detêm o poder político e não vão ao encontro das necessidades dos idosos. Neste sentido, sentem-se abandonados e consequentemente, sós.

Apresentação de dados

Para as tabelas abaixo, os dados retirados da edição do INE "Estatísticas Demográficas – 2023" a qual apresenta uma análise global da situação demográfica em Portugal em 2023, sublinhando-se entre os aspetos apresentados, o relacionado com o volume e a estrutura etária da população residente em Portugal. Foram utilizados dados a nível nacional, para o período 2015-2023, e dados desagregados ao primeiro e segundo níveis da Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos (NUTS I - Portugal e NUTS II- regiões).

Tabela 1 - População residente por sexo (N.º), Portugal, 2015-2023 e NUTS II, 2021-2023

		Total	Homens	Mulheres
		N.º	N.º	N.º
Portugal	2015	10 368 554	4 919 465	5 449 089
	2016	10 344 478	4 907 936	5 436 542
	2017	10 335 770	4 902 631	5 433 139
	2018	10 333 496	4 898 614	5 434 882
	2019	10 375 395	4 926 990	5 448 405
	2020	10 394 297	4 942 871	5 451 426
	2021	10 421 117	4 967 262	5 453 855
	2022	10516621 Rv	5020648 Rv	5495973 Rv
	2023	10 639 726	5 083 568	5 556 158

Fonte: Dados retirados do INE IP – "Estimativas anuais da população residente", 2023, p. 14

Tabela 2 - População residente por grandes grupos etários (N.º), Portugal, 2015-2023

Idades:		0-14	15-64	65+
		N.º	N.º	N.º
Portugal	2015	1 467 263	6 736 280	2 165 011
	2016	1 446 824	6 691 202	2 206 452
	2017	1 425 820	6 657 888	2 252 062
	2018	1 406 939	6 630 739	2 295 818
	2019	1 392 316	6 624 597	2 358 482

 ISSN: 2795-559 · DOI: 10.61415/riage.390

	2020	1 374 057	6 607 987	2 412 253
	2021	1 357 823	6 601 650	2 461 644
	2022	1361472 Rv	6644245 Rv	2510904 Rv
	2023	1 363 768	6 711 383	2 564 575

Fonte: Dados retirados do INE IP – "Estimativas anuais da população residente", 2023, p. 18

Tabela 3 - População residente por grandes grupos etários (%), Portugal, 2015-2023

Idades:		0-14	15-64	65+
		%	%	%
Portugal	2015	14,2	65,0	20,9
	2016	14,0	64,7	21,3
	2017	13,8	64,4	21,8
	2018	13,6	64,2	22,2
	2019	13,4	63,8	22,7
	2020	13,2	63,6	23,2
	2021	13,0	63,3	23,6
	2022	12,9 Rv	63,2 Rv	23,9 Rv
	2023	12,8	63,1	24,1

Fonte: Dados retirados do INE IP – "Estimativas anuais da população residente", 2023, p. 19

Tabela 4 - Idade mediana por sexo (Anos), Portugal, 2015-2023

		Total	Homens	Mulheres
		Anos	Anos	Anos
Portugal	2015	44,1	42,5	45,6
	2016	44,5	42,9	46,1
	2017	45,0	43,3	46,5
	2018	45,4	43,8	46,9
	2019	45,9	44,3	47,4
	2020	46,3	44,7	47,8
	2021	46,7	45,1	48,2
	2022	46,9 Rv	45,3 Rv	48,4 Rv
	2023	47,1	45,4	48,6

Fonte: Dados retirados do INE IP – "Estimativas anuais da população residente", 2023, p. 20

Tabela 5 - Índices de envelhecimento (N.º), Portugal, 2015-2023

		Índice de Envelhecimento
		N.º
Portugal	2015	147,6
	2016	152,5
	2017	157,9
	2018	163,2
	2019	169,4
	2020	175,6
	2021	181,3
	2022	184,4 Rv
	2023	188,1

Fonte: Dados retirados do INE IP – "Estimativas anuais da população residente", 2023, p. 23

Tabela 6 - Índices de envelhecimento (N.º), NUTS II, 2021-2023

		Anos:	2021	2022	2023
			N.º	N.º (Rv)	N.º
NUTS II	Norte	Índice de Envelhecimento (N.º)	185,0	191,0	197,4
	Centro		235,5	239,2	242,4
	Oeste e Vale do Tejo		202,0	203,1	204,7
	Grande Lisboa		148,0	149,0	150,6
	Península de Setúbal		154,3	156,7	158,8
	Alentejo		223,4	223,3	224,9
	Algarve		173,8	173,7	175,6
	R. A. Açores		113,6	117,1	122,3
	R. A. Madeira		158,2	164,4	171,5

Fonte: Dados retirados do INE IP – "Estimativas anuais da população residente", 2023, p. 23

DISCUSSÃO

De acordo com a tabela 1 verifica-se que a população residente em Portugal decresceu até 2018 e inverteu esta tendência tendo vindo a aumentar até aos dias de hoje.

Com os dados apresentados entre 2015 e 2023 a população aumentou em 271172 habitantes (164103 homens e 107069 mulheres), o que corresponde a 2,62%.

 ISSN: 2795-559 · DOI: 10.61415/riage.390

De acordo com a tabela 2, podemos dizer que entre os anos de 2015 e 2023, a proporção de jovens (menos de 15 anos) e de pessoas em idade ativa (15 a 64 anos) diminuiu, relativamente ao total de população residente, ao contrário do que acontece com as pessoas com idade igual ou acima de 65 anos.

Analisando estes dados, poder-se-á inferir que uma das explicações para o primeiro caso (tabela 1), se deve ao fenómeno migratório em Portugal, que tem vindo aumentar exponencialmente, conseguindo emprego, fixando-se e contribuindo assim, para o aumento da taxa de natalidade e, por sua vez o aumento da população ativa, proporcionando assim, o crescimento e desenvolvimento do país.

Estas tendências podem ser igualmente confirmadas pelos valores apresentados na tabela 3. Nesta tabela, verifica-se que, para as pessoas com idade abaixo dos 15 anos a proporção entre a população jovem passou de 14,2%, em 2015, para 12,8%, em 2023. Este decréscimo de proporção verifica-se igualmente no grupo de pessoas entre os 15 a 64 anos, grupo considerado das pessoas ativas, cujas percentagens em 2015 e 2023 são respetivamente de 65,0% para 63,1%.

Contudo, apesar da contribuição da imigração para a população residente e para o aumento da taxa de natalidade, existe outra realidade paralela, ou semiparalela, que se prende com os jovens portugueses, devido ao facto, de estes pelo processo inverso (emigração), saíram do país, tendo como razão principal, não terem condições económicas e/ou profissionais para se fixarem em Portugal, vão à procura de melhores condições no exterior.

Apesar de tudo, a imigração é do ponto de vista demográfico, uma lufada de ar fresco, mas não resolve os problemas profundos da natalidade.

Em contrapartida, e como se referiu, pelos dados da tabela 2, o número de pessoas idosas aumentou ao longo deste mesmo intervalo de tempo e, como consequência, a proporção deste grupo etário (65 ou mais anos) aumentou de 20,9% para 24,1%, ou seja, o grupo de pessoas idosas aumentou 3,2%. Comparando este valor, com o aumento da população portuguesa residente, 2,62%, pode-se afirmar que se verifica um envelhecimento da população portuguesa.

Este envelhecimento pode também ser confirmado pela variação da mediana de idades da população residente (tabela 4) em que esta passa de 44,1 anos, em 2015, para 47,1 anos em 2023 na população portuguesa. Apesar desta mediana da população, separando entre géneros, apesar de ambos aumentarem, os homens apresentam uma variação da mediana de idades mais baixa que nas mulheres sendo que nos homens a mediana passa de 42,5 para 45,4 anos enquanto nas mulheres passam 45,6 para 48,8 anos. Estes dados mostram que as mulheres têm em média uma idade mais elevada que os homens. Este facto pode ter como uma das explicações possíveis o aumento da população masculina ser maior que a população feminina.

Todos os dados apresentados atrás, mostram que existe um envelhecimento da população o que, mais uma vez se pode confirmar pelo índice de envelhecimento em Portugal. Em consequência dos valores atrás indicados e que estão apresentados na tabela 5, o índice de envelhecimento em Portugal passou de 147,6 para 188,1

 ISSN: 2795-559 · DOI: 10.61415/riage.390

pessoas idosas por cada 100 jovens. Pode-se ainda verificar na tabela 6, que o envelhecimento da população se dá, de uma forma diferenciada nas diversas regiões de Portugal. Aí pode ser verificado que se dá o maior envelhecimento da população na região Centro e, ao contrário, um menor índice de envelhecimento na região da Grande Lisboa.

Este aumento da população idosa, em consequência do aumento da esperança de vida, segue a tendência europeia, o envelhecimento do Continente europeu.

O aumento da esperança de vida, do ponto de vista humano, poder viver mais tempo é excelente. Contudo, do ponto do bem-estar material e social, nem sempre existe o mesmo otimismo, uma vez que muitos idosos, não têm acesso aos bens de primeira necessidade, como sejam: cuidados de saúde e medicamentos, alimentação, habitação.

As questões económicas de muitos idosos, principalmente, no que diz respeito ao valor das reformas que muitos auferem, faz com que, uma boa parte dos idosos não tenham qualidade de vida. Isto é um problema muito importante e muito sério, que não pode ser escamoteado. "Depois de uma vida inteira de trabalho árduo, os trabalhadores merecem uma reforma decente. Durante a velhice, não devem ter de se preocupar com o dinheiro para pagar as contas do dia-a-dia, nem com a possibilidade de se tornarem dependentes dos filhos ou de uma qualquer instituição de caridade (…)" (Stiglitz, 2019, p.279). O pensamento Joseph Stiglitz vai ao encontro do pensamento de Alfredo Bruto da Costa, quando chama a atenção que há por vezes uma correlação estreita ente estes dois fenómenos – idade e pobreza. "É certo que, entre nós, o problema da idade muitas vezes coexiste com o problema da pobreza" (Costa, 1998, p.85).

Importa, pois, analisar qual o papel do idoso na sociedade e, de acordo com Alfredo Bruto da Costa "Fenómeno que, até há pouco, passava despercebido à opinião pública em geral, o envelhecimento é hoje apontado, com relativa frequência, como um dos aspectos a ter em conta na definição das políticas de médio e longo prazo. No caso português, deve acrescentar-se também para políticas de curto prazo, e, nalguns aspectos, mesmo para medidas urgentes" (Costa,1998, pp. 85-86).

Torna-se necessário, *humanizar a própria humanidade*. Parece uma redundância, mas faz sentido na medida em que, a exclusão, a solidão, o abandono, e a pobreza, parecem ser sinais de mal-estar numa sociedade, que olha por vezes para o envelhecimento, como um espaço de descarte.

Por outro lado, verifica-se, que o aumento da esperança de vida, não é compensado com o aumento da natalidade, como forma de equilíbrio na Europa, especialmente, em Portugal, no qual, a imigração aparece como forma tentada, de equilibrar essa lacuna demográfica existente em Portugal e nos demais países da Europa. De facto, pelos dados disponíveis, esta é uma constatação real, já que os imigrantes constituem famílias para os países onde emigram.

Portugal, deverá viver o "O tempo de envelhecer, no envelhecimento do tempo", de forma que haja uma conjugação benigna entre estas duas realidades, ou seja, o avanço do tempo, deve ser um espaço

 ISSN: 2795-559 · DOI: 10.61415/riage.390

para que, aqueles percorrem esse avanço do tempo, tenham condições para percorrer esse caminho.

Poder-se-á dizer, contudo, "*Dum anima est, spes («enquanto há vida, há esperança»)*. (…) Na realidade, porém, há pessoas vivas e saudáveis que se sentem desesperadas e sem vontade nenhuma de seguir em frente" (Ravasi, 2015, pp. 57-58).

Este autor, toca em pontos muito perigosos e atuais, já referidos no presente artigo: a *desistência* e o *conformismo*. Os idosos, desistem de viver, de lutar e desistem, por vezes, de continuar a envelhecer. Outra possibilidade, já referida, os idosos, sentindo-se impotentes conformam-se com a situação. Por sua vez, é própria sociedade que parece desistir e, argumentando também, com impotência, para inverter a situação, tomam uma atitude conformista e de passividade. As famílias têm aqui um papel importante e crucial. O dia-a-dia no correcorre para o trabalho, para as compras e outras atividades, não pode ser inibidor do assumir responsabilidades, para com os idosos e para as suas vulnerabilidades. As famílias, muitas vezes não têm tempo para o tempo dos outros, achando, que o seu tempo é mais relevante que os outros tempos.

Como já foi referido, lá atrás, o "tempo não dorme" e neste sentido, não se pode, nem se consegue parar. Ou, se acompanha a velocidade do tempo, e se procura responder às prerrogativas dessa "velocidade" temporal, ou, estamos a concorrer para uma sociedade egoísta, que se fecha sobre si própria, da qual todos fazem parte e ninguém pode ser descartado.

"O melhor que temos para o futuro é tanta humanidade acumulada. E este é um futuro onde os outros também cabem, como nós cabemos com os outros, com aquela lucidez que só o tempo apura" (Clemente, 2013, p.136).

CONCLUSÃO

Face ao que foi apresentado, "Tempo de envelhecer, no envelhecimento do tempo em Portugal", torna-se um tempo de rutura, entre a dignidade humana e o modelo que a sociedade tem para apresentar neste tempo, em que o envelhecimento é uma realidade bastante acentuada, num país envelhecido, inserido numa Europa, que, despida de alguns valores, tais como: dignidade, respeito e inclusão, entre outros, parecem ter desaparecido do vocabulário de uma sociedade que se diz desenvolvida tecnologicamente, mas que, do ponto de vista humano, continua ainda a fazer uma caminhada a uma velocidade muito aquém da velocidade da tecnologia.

No entanto, o Estado, a entidade que tem a capacidade política, económica e social de mudar este estado de coisas, deve ser proativo: criar medidas que façam do envelhecimento, não uma fatalidade, mas, uma possibilidade de a sociedade se reinventar. Por outro lado, ser gerador de políticas sociais, que apoiem os idosos, que prolongam a longevidade de um povo e, por outro lado, garantam aos imigrantes a possibilidade de uma integração plena, de modo que, contribuindo para o crescimento económico e humano do país, possam ser inspiradores de uma sociedade mais justa, sendo que, o "tempo de envelhecer", torna-se um período deveras complexo, quando, ao "tempo de envelhecer, não se consegue juntar as palavras "com

 ISSN: 2795-559 · DOI: 10.61415/riage.390

dignidade", ou seja, "tempo de envelhecer com dignidade".

REFERÊNCIAS

Campos, F. (2022). "O Direito Fundamental à Saúde em tempo de incertezas". In *Neves, Adriana; Machado, Idalina; et al (Org.). V Congresso Ibero-Americano de Intervenção Social – Desenvolvimento Sustentável, Direitos Humanos e Igualdade de Género*. Carviçais: Lema d'Origem – Editora, Lda.

Costa, A. B. da (Coord.); Baptista, I.; Perista, P.; Carrilho, P. (2008). Um olhar sobre a pobreza: vulnerabilidade e exclusão social no Portugal contemporâneo. Lisboa: Gradiva Publicações, SA.

Costa, A. B. da (2001). Exclusões Sociais. Cadernos Democráticos. Lisboa: Fundação Mário Soares / Gradiva Publicações, Lda.

Clemente, M. (2016). Joga-se aqui o essencial: um olhar sobre o que somos. Porto: Porto Editora.

Clemente, M. (2013). O Tempo pede uma Nova Evangelização. Prior Velho: Paulinas Editora.

Instituto Nacional de Estatística IP (2024). "Estatísticas Demográficas 2023" INE: Lisboa – Portugal.

Garcia, M. da G. (2016). Como defender hoje a Dignidade Humana. Lisboa: Universidade Católica Editora.

Mendonça, J. T. (2014). A Mística do Instante – o tempo e a promessa. Prior Velho: Inst. Miss. Filhas de São Paulo.

Stiglitz, J.E. (2019). Pessoas, poder e lucro – capitalismo progressista para uma era de descontentamento. Lisboa: Bertrand Editora.

Ravasi, G. (2015). O Grande Encontro entre Deus e a sua Criatura. Prior Velho: Inst. Miss. Filhas de São Paulo.

 ISSN: 2795-559 · DOI: 10.61415/riage.390